

APRESENTAÇÃO

Estimados leitoras e leitores da Revista Canudos, lançamos mais um número da nossa revista tendo como tema central “Memorialistas: Homenagem aos Nossos Mestres”. Apresentamos relatos de descendentes de conselheiristas que através de suas lembranças testemunham passagens da vida de seus antepassados e rememoram a guerra de Canudos. Memória vivida, memória sentida, memória lembrada. A história tem se debruçado nas seguintes questões: o que é memória? Qual a sua importância para a construção da História? O que deve ser selecionado para contar a história que definimos como oficial? Quem deve lembrar e contar os fatos acontecidos na vida de um grupo, de uma comunidade, de uma cidade? Temos muito debatido no campo das Ciências Sociais: quais seriam os fatos que podem ser selecionados para a história oficial.

O Filme “Narradores de Javé” conta a história de uma cidade que vai ser invadida por águas de um açude e a população conclui que o único modo para salva-la seria escrevendo um livro que contasse como a cidade era importante e que poderia ser considerado Patrimônio e desse modo ser salva. O filme nos coloca diante de uma situação inusitada: como os fatos podem ser selecionados para contar a história de um lugar e quem é autorizado para contar essa história. No decorrer do filme, nos vemos diante de versões muitas vezes conflitantes e até divergentes. Nos é apresentado então um grande dilema: o que deve ser selecionado para representar a história daquele lugar? Javé pode ser Canudos e os seus moradores podem representar muitos de nós, diante do grande palco que é a vida e que será em breve a memória de uma pessoa ou de um lugar e é isso que podemos chamar de História.

Esse número tem o intuito de homenagear os contadores e preservadores da história de Canudos, os descendentes diretos do conflito armado e a história quase impossível dos meses em que pessoas do povo enfrentaram o Exército Brasileiro numa história que parece mais a história da *guerra do fim do mundo*. E o incrível é que ela existiu e muitos de seus descendentes deixaram relatos que são os verdadeiros Patrimônios para o povo de Canudos e por que não dizer para os baianos e brasileiros.

Desse modo, damos voz e ao mesmo tempo homenageamos quatro figuras que se encarregaram em vida, a não deixar a história de Canudos morrer. São eles: Seu João

de Regis, seu João Guerra, seu Paulo Monteiro e Renato Ferraz. Os três primeiros, descendentes de conselheiristas, e o último, historiador, intelectual e divulgador do tema Canudos, todos tem em comum o amor e a luta pela preservação da história da Guerra de Canudos. Para esse fim, convidamos filhos, netos, amigos e admiradores para escrever um texto que contassem a história desses filhos que relataram e preservaram a história dessa guerra. Temos também nesse mesmo número quatro artigos selecionados pelo Edital de 2022 para o volume 12 da Revista Canudos que são esses apresentados a seguir.

O primeiro artigo de autoria de Carlos Carneiro intitulado “Memórias Não Ditas: do Terço ao Giz, da Devoção à Educação”, relata a festa dedicada a São José na comunidade da Barriguda em Canudos. O autor, a partir do uso da História Oral conta a trajetória da Festa do padroeiro, nessa comunidade e junto a isso revela a trajetória educacional (de professora leiga para pedagoga) de uma descendente de conselheirista e responsável pela capela e pela preservação da festa em homenagem ao padroeiro. O artigo é uma importante contribuição para a história da educação em Canudos.

O segundo artigo, intitulado “No Arrimo do Cajado, nos Rastros das Alpercatas: As pegadas de conselheiro nas Cercanias de Pedrão” de autoria do historiador Miguel Angelo Almeida Teles, apresenta andanças de Antônio Conselheiro por Pedrão (Bahia) a partir de uma carta enviada por um padre da freguesia de Pedrão ao Arcebispo da Bahia. A andança de Conselheiro pelo sertão da Bahia é descrita no artigo de Teles e apresenta com rica documentação os meandros das relações políticas e religiosas no fim do século XIX no interior da Bahia.

O artigo do arqueólogo Leandro Oliveira Juncker, intitulado “Canudos: A Guerra e suas Disposições Espaciais” discute a importância da utilização das Novas Tecnologias da Informação e das ferramentas como o SIG (Sistema de Informações Geográficas) para compreensão do espaço em que ocorreu a Guerra de Canudos. Utilizando-se das fontes disponíveis, como o livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, as fotografias de Flávio de Barros e os dados arqueológicos levantados pelo CEEC/UNEB o autor faz uma cartografia da Guerra, mapeando pontos estratégicos como os rios, os montes e as construções das igrejas de Canudos, trazendo informações sobre esse conflito que podem ser acessado em qualquer ponto do planeta.

O quarto artigo de autoria de Carlos Perrone Jobim Junior intitulado “Gaúchos em Canudos: Isidoro Virginio e a Vida Mal Vivida” apresenta a atuação de tropas gaúchas na Guerra de Canudos, indaga sobre as motivações de Julio de Castilho em

atacar Belo Monte e busca nos cadernos escritos pelo soldado Isidoro Virginio que serviu no 12º Batalhão de Infantaria de Rio Grande, os relatos sobre a Guerra de Canudos ao tempo em que relaciona dois eventos históricos distintos a Revolução Federalista de 1893 e a Guerra de Canudos

Agradeço aos nossos pareceristas que com pontualidade e competência ajudaram a elaborar a nossa revista, aos descendentes de conselheiristas que trouxeram suas lembranças para homenagear os memorialistas e aos nossos autores, pelos artigos. Desejo uma boa leitura!

Prof. Dra. Marta Leone

Editora Científica